

CONSIDERAÇÕES SOBRE O GRÈS NO SÍTIO HISTÓRICO-ARQUEOLÓGICO JARDIM DAS PRINCESAS, MUSEU NACIONAL DO RIO DE JANEIRO

Helianne de Niemeyer Mendonça*
Maria da Conceição de Moraes Coutinho Beltrão*

MENDONÇA, H.N.; BELTRÃO, M. da C.M. Considerações sobre o grès no sítio histórico-arqueológico Jardim das Princesas, Museu Nacional do Rio de Janeiro. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 6: 141-154, 1996.

RESUMO: Partindo do estudo preliminar dos vasilhames de grès de meados do século XIX, encontrados no Jardim das Princesas, Museu Nacional do Rio de Janeiro, tornou-se necessária a pesquisa no local, numa tentativa de resgatar, por meio de vestígios materiais, aspectos sócio-econômicos e culturais que ali viveram. Para isso, foram realizadas pesquisas arqueológicas – escavação, análise do material encontrado, entre outras atividades – resultando na reconstituição de alguns vasilhames utilizados.

UNITERMOS: Arqueologia – História – Jardim das Princesas – Grès.

Introdução

“... A Arqueologia Histórica é a que utiliza técnicas e métodos arqueológicos para a reconstituição ou elucidação de fatos históricos...” (Beltrão 1995)

Utilizam-se métodos de trabalho da Arqueologia (vestígios materiais) e da História (documentação escrita e iconográfica). O emprego dos dois métodos permite compreender a estrutura social, política, econômica e cultural de uma sociedade passada. “... da qual conhecemos ou podemos conhecer documentos escritos e restos materiais...” (Beltrão *et al.* 1988)

O presente trabalho apresenta o estudo inicial de uma das categorias de material encontrado em trabalhos de sondagem no Jardim das Princesas – o grès – em decorrência de obras de reparo hidráulico realizadas no local.

No período em que foi efetuada a primeira etapa de pesquisa, ressaltou-se a importância de aprofundar o estudo da louça (incluindo o grès) nos sítios históricos brasileiros [incluímos o grès na designação louça, seguindo a classificação de Pileggi (1958)].

Segundo Blasi (1963) “... as evidências artesanais, igualmente, podem ser conhecidas pela descoberta de objetos cerâmicos, metálicos, líticos, ósseos, etc., os quais elucidam muitos aspectos das atividades da população...”

Pequeno histórico sobre o grès

A fabricação do grès tem sua origem em épocas bem longínquas, sendo os dois centros de maior destaque no Oriente, a China, desde o século III a.C. e a Coreia do Sul, 57a.C. (Brancante 1981). Segundo o mesmo autor, citando Augusto Demmin, “O grès foi fabricado já no século VIII e a antiga Alemanha teve sua cerâmica comum e impermeável, como a Gália teve a sua desde o começo da era cristã.”

(*) Museu Nacional do Rio de Janeiro.



Fig. 1 – Aspecto do patamar superior do Jardim das Princesas.



Fig. 2 – Aspecto do patamar inferior do Jardim das Princesas.

Sua descoberta por povos distintos, orientais e ocidentais, em épocas diferentes, revela a perspicácia e a criatividade do ser humano, em pontos distantes do mundo (Brancante 1981). Deste modo, com a variação de usos e costumes de civilizações diferentes, o grès teve sua utilização, forma, manufatura, decoração, etc., significativamente ampliadas. Com a evolução das técnicas de manufatura, acaba por contribuir para o crescimento da arte cerâmica.

Com o grès, o chinês alcança a porcelana e o inglês descobre a faiança fina (Brancante 1981). A produção germânica tem sua maior influência até o final do século XVIII, seguindo-se a ela a inglesa que, com sua descoberta, traz acréscimo de variadas formas, cores e decorações. No Brasil do século XVIII, o grès já era conhecido devido ao contato com os holandeses que aqui vieram trazendo garrafas em grande quantidade.

A vinda de D. João VI para o Brasil ocasionou uma série de mudanças na colônia, afetando diretamente a vida dos habitantes, intensificando-se com a abertura dos portos às nações amigas. Uma série de tratados de aliança

e comércio assinados com a Inglaterra, em 1810, proporcionou a entrada de produtos no mercado brasileiro, incluindo, inclusive, no comportamento social (Lima *et al.* 1989). O comércio no Rio de Janeiro crescia de ano a ano (Ebel 1972). A entrada de uma quantidade extraordinária de produtos ingleses, abarrotava as lojas com mercadorias tais como sal, pregos, chapéus, queijo, louça de barro e vidro, armas, garrafas de cerveja, tintas (Mawe 1944). Muitas vezes, com objetos totalmente inadequados ao nosso uso, como por exemplo, patins de gelo (Monteiro 1978).

Dentre a infinidade de produtos importados que lotavam o comércio brasileiro, estava o grès, sob variados tamanhos, formatos e cores. Os vasilhames de grès (garrafas, meias garrafas, botijas e garrafões) foram muito utilizados no armazenamento de líquidos como cerveja, vinho, tinta, azeite, etc. Porém predominava a importação de garrafas para o acondicionamento de cerveja. No século XIX, fábricas que aqui se instalaram utilizavam as garrafas importadas para engarrafar suas bebidas (Brancante 1981).



Fig. 3 – Local onde foi encontrado o material em estudo.



Fig. 4 – Poço-teste aberto no patamar superior do Jardim das Princesas.

Material e métodos

Após o afloramento de material em decorrência das obras executadas no Jardim das Princesas (Figs.1,2)¹ resolveu-se realizar um estudo mais aprofundado, consistente em pesquisas na área de História. Segundo Albuquerque (1992), as fontes utilizadas pela História começaram a se desenvolver e crescer a partir do século XIX na medida em que se sucediam “novas formas de abordagem”. Diz o autor:

“O século XIX incorpora às fontes históricas, elementos significativos: amplia a documentação figurada através da invenção da fotografia e passa a utilizar de modo bem mais sistemático que anteriormente uma classe de documentos mencionada em seu conjunto como Restos. São vestígios de elementos do passado que não foram produzidos visando a transmissão de conhecimento às futuras gerações; nem mesmo à geração coeva. Antes constituíam-se, a sua época, em elementos do

cotidiano destas sociedades. Entre eles figuram do mesmo modo as ruínas de uma cidade, restos de instrumentos, de utensílios, e de quaisquer outros elementos produzidos pelo homem. Mesmo os restos humanos passam a integrar esta classe de documento.”

A etapa inicial da pesquisa consistiu em um levantamento iconográfico e bibliográfico sobre a área a ser trabalhada. Levando em consideração o material aflorado, somado ao resultado obtido nas pesquisas históricas, resolveu-se efetuar uma pequena sondagem (Fig.3) em local próximo de onde foram realizadas as obras de reparo hidráulico, por meio da abertura de uma trincheira com profundidade média de 90cm no sentido leste/oeste. O material aí encontrado era composto em sua maioria por fragmentos de grès e, em sua minoria por fragmentos de vidro, material de construção (telhas e tijolos) e metal (pregos e cravos).

Em outra sondagem (Fig.4) realizada na parte superior do Jardim, de proporções menores, também foram encontrados fragmentos de vidro, metal, composto por pregos e cravos, além de dois botões, provavelmente da época do Império.

(1) Fotografias e desenhos: Helianne de Niemeyer Mendonça.

Após a pesquisa histórica e as sondagens, foi realizado o tratamento em laboratório do material encontrado. O mesmo foi separado por categorias, considerando, para este trabalho, o grès, tendo sido lavado em água corrente, tomando-se o cuidado necessário para não esfregar em demasia as peças, a fim de não prejudicá-las. Foram colocadas para secar de forma natural, efetuando-se, em seguida, a numeração individual e o devido acondicionamento. As peças foram desenhadas, fotografadas e medidas.

Com o material preparado foi realizada uma tentativa de remontagem dos fragmentos existentes, visando a possível reconstituição dos vasilhames e o posterior estudo dos mesmos, com a finalidade de contribuir para a compreensão dos aspectos sócio-econômicos e culturais de grupos sociais não mais existentes.

Após a remontagem de alguns fragmentos foram feitas novas medições, agora dos vasilhames total ou parcialmente reconstituídos, tendo sido tomadas as seguintes medidas: comprimento total do corpo, do ombro, do pescoço ou gargalo; larguras da base e da abertura da boca (Figs. 5, 6, 7, 8, 9, 10 e 11).

Informações gerais sobre o grès

1. Definição

Para melhor compreensão do trabalho, é necessário que se conheça o significado do termo *grès*. Vários autores o definem de forma bem semelhante. Lopez (1943) apresenta:

“... su fractura no es terrea, sino vitrea o ligeramente granujienta; no se adhiere a la lengua; produce chispas con el acero, su masa es densa, sonora y compacta, de modo que no necesita cubierta para ser impermeable ...”

Já Pileggi (1958) define o grès da seguinte maneira:

“... é uma composição de contextura muito forte, impermeável, de grão fino, cozido a alta temperatura, entrando em semifusão ou vitrificação total ...”

Brancante (1981) fornece duas definições de grès, citando dois autores, respectivamente Gustavo Barroso e E.S. Ausher:

“... pasta dura, muito densa, sonora e impermeável, de grão fino, opaca ou lustrada, feita com argila silicosa e saibro ...”

“... Les céramiques à pâtes très cuites, non absorbantes, constituent la grande famille des grès ...”

Todos acabam por unificar o significado do grès cerâmico como tendo massa compacta, grão fino, sendo sonora e impermeável, cozida a alta temperatura.

2. Composição

Quanto à composição, Lopez (1943) esclarece:

“... la pasta del grès comum se compone de arcilla plástica sin lavar, o sea limpia, a mano, separando los fragmentos gruesos de cuarzo o caliza, y se la cementa con arena cuarzosa; comúnmente la arcilla empleada se extrae de los bancos que recubren las capas de creta en los terrenos secundários, y ha de ser de tal composición que pueda sufrir un principio de fusión ...”

Diz ainda que, para obter boas massas, no que diz respeito à resistência, coloração, choque, etc. deve-se misturar vários tipos de argila plástica. As argilas utilizadas na fabricação do grès comum não são lavadas, pois seria uma etapa muito cara do processo de fabrico. A diferença entre o grès comum e o grès fino estaria presente, também, na composição da massa. A massa do grès fino inglês se assemelharia às faianças feldspáticas, entrando nela menos sílex e mais pegmatita.

3. Coloração

O grès pode variar do bege claro ao marrom, passando por várias tonalidades, existindo também um tom avermelhado ou até mesmo preto (“Black Basalt”), além de um cinza variando entre o claro e o escuro.

Lopez (1943) refere-se à coloração do grès explicando que, se uma argila possui pouco ferro ou até mesmo nenhum, será obtido o grès branco ou de tonalidades claras. Contendo ferro, consegue-se o grès com tonalidades avermelhadas, existindo, entre os dois tons, uma série de variações.

A temperatura do forno onde será cozida a cerâmica também é fator determinante de cor.

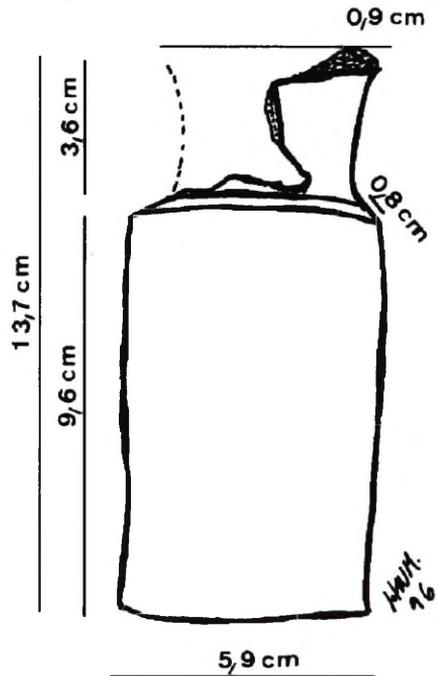
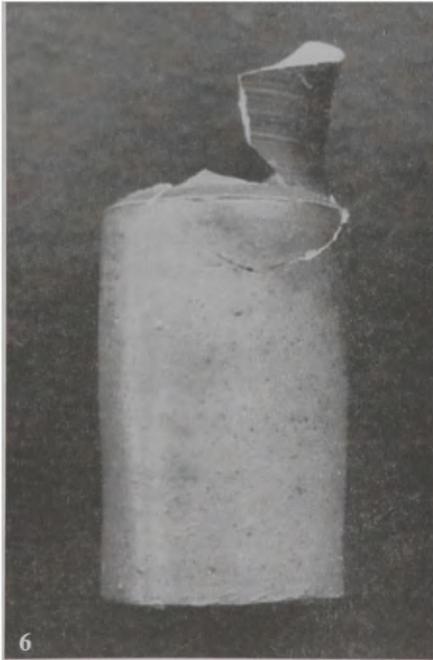
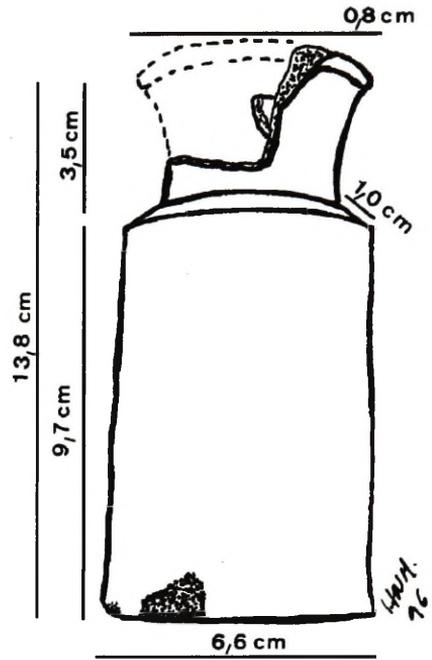


Fig. 5 e 6 – Exemplos de vasilhames encontrados nas sondagens realizadas no patamar inferior do Jardim das Princesas.

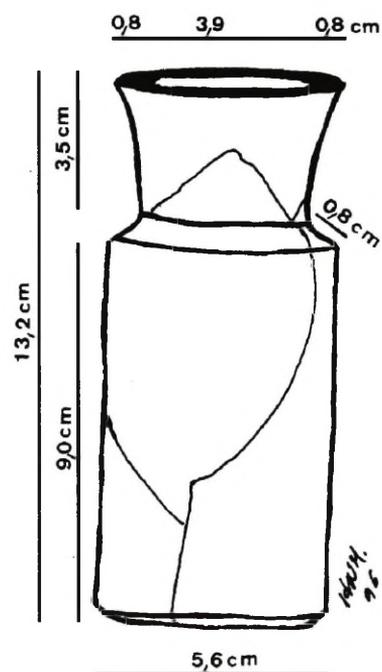
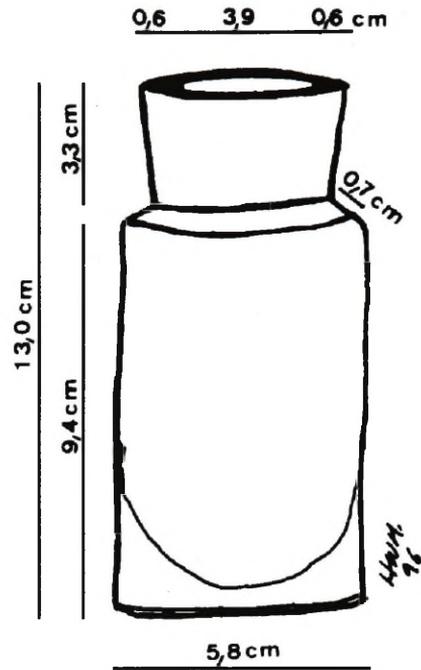
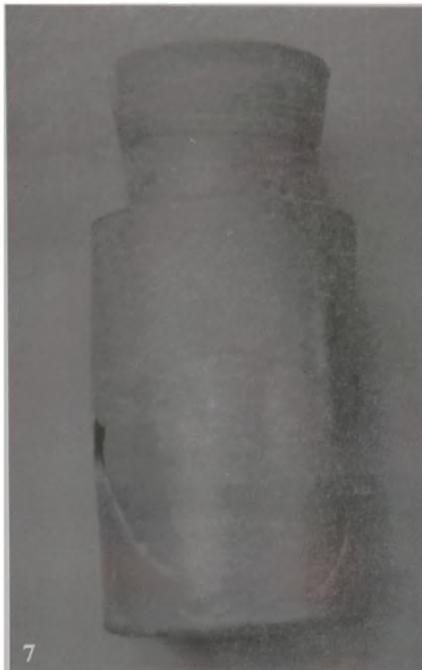


Fig. 7 e 8 – Exemplos de vasilhames encontrados nas sondagens realizadas no patamar inferior do Jardim das Princesas.

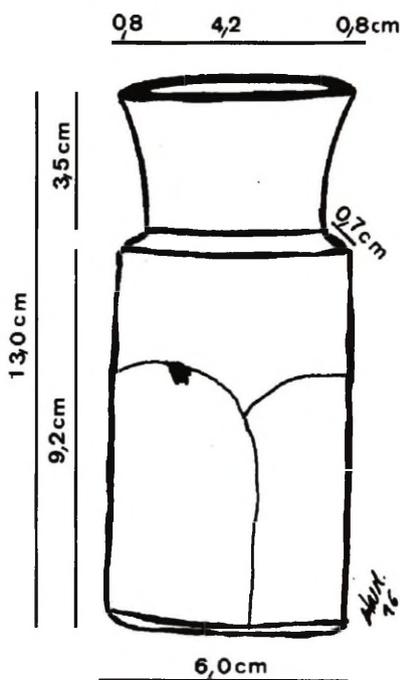
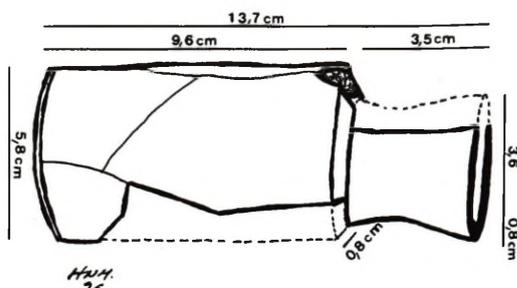


Fig. 9 e 10 – Exemplos de vasilhames encontrados nas sondagens realizadas no patamar inferior do Jardim das Princesas.

Usando, por exemplo, o fogo baixo, será obtido um produto de cor clara.

Lopez (1943) esclarece que, ao banhar o grès, colocando-o numa água que contenha ocre amarelo, dependendo da qualidade deste e da intensidade do fogo, resulta uma camada amarelo pardo, mais ou menos bronzeado.

Outra explicação é fornecida por Rosenthal (1958) acerca da coloração: os tons dominantes são

os amarelados ou pardo escuros, cinzas ou azulados, dependerá da quantidade de impurezas contidas na argila e das circunstâncias de cocção.

4. Utilização

Com a evolução das técnicas de produção, o grès teve seu uso cada vez mais expandido. Exis-

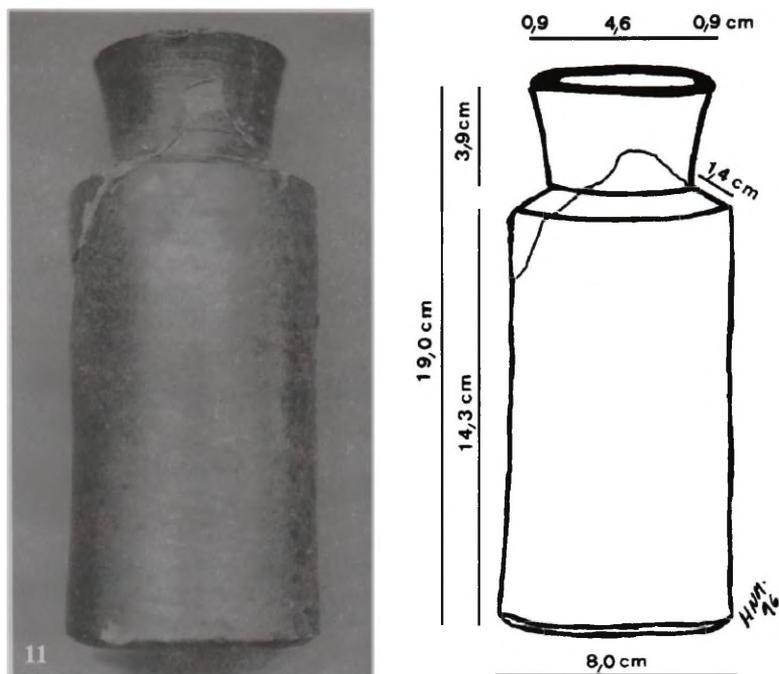


Fig. 11 – Primeiro vasilhame, sem inscrição, encontrado por ocasião das obras de reparo hidráulico.

tem basicamente duas linhas de fabrico: a de grès industrial e a de grès fino. A primeira destinada a materiais de construção, tais como manilhas, tubulações, etc. A segunda, destinada a louças, garrafas, adornos, broches, etc. (Brancante 1981).

Descrição da área

A área onde hoje está situado o Museu Nacional do Rio de Janeiro (Fig.12), no bairro de São Cristóvão, abrigou grupos sociais diversos, habitando as terras que, até 1759 pertenceram aos jesuítas. Foram então expulsos do Brasil por um ato do Marquês de Pombal. As terras foram confiscadas, divididas e vendidas em leilão. Um comerciante português, Elias Antônio Lopes, comprou o lote onde estava situada a sede da fazenda.

Mais tarde, a construção foi por ele reformada e doada a D. João VI, quando de sua chegada ao Brasil. Até o ano de 1889, abrigou a Família Imperial, passando o Palácio por uma série de refor-

mas (Fig.13). Em 1892 passou a abrigar o Museu Nacional, antes situado no Campo de Sant' Anna. Sofreu várias reformas resultando na configuração atual do prédio.

Segundo Lima (1989) "... os espaços são ocupados, abandonados, reutilizados, transformados, reciclados, restringidos ou ampliados através dos tempos, determinando diferentes assentamentos que se superpõem no espaço e se sucedem cronologicamente, com freqüentes perturbações estratigráficas ..." É o que acontece com a área estudada, tendo sido transformada, reutilizada, etc. no correr dos anos, resultando num provável "depósito histórico".

O Jardim das Princesas acompanha toda a lateral esquerda do prédio do Museu Nacional, sendo limitado ao norte pelo próprio prédio, ao sul/oeste por muros e a leste por um portão de grades de ferro. É formado por dois patamares (Fig.14): o superior, dividido em 2 áreas retangulares, com área de aproximadamente 261m² e 420m², respectivamente, separadas por um caminho de pedras e tijolos, extremado por dois portões de ferro; o in-



Fig. 12 – Fachada principal do prédio do Museu Nacional do Rio de Janeiro. A seta indica a localização do Jardim das Princesas.

ferior é uma área alongada, com aproximadamente 2.060m², estreitando em direção à frente do prédio e terminando num portão de ferro. A altura entre o patamar superior e o inferior é de 3,50m. Possuem canteiros centrais, algumas árvores e arbustos.

Segundo a bibliografia existente, teria sido o jardim utilizado pela Princesa Isabel em seus estudos, passeios e brincadeiras.

Resultados e conclusões

Este trabalho apresenta as etapas iniciais da pesquisa histórico-arqueológica realizada no Jardim das Princesas, Museu Nacional do Rio de Janeiro.

A amostragem do material estudado, embora pequena, foi considerada significativa e suficiente para a elaboração deste trabalho.

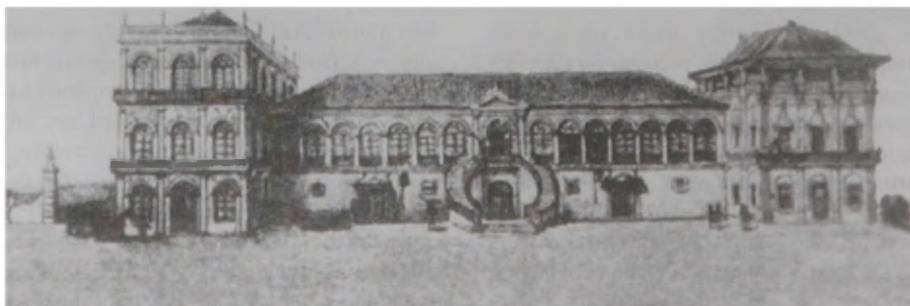


Fig. 13 – Configuração, em 1831, do atual prédio do Museu Nacional.

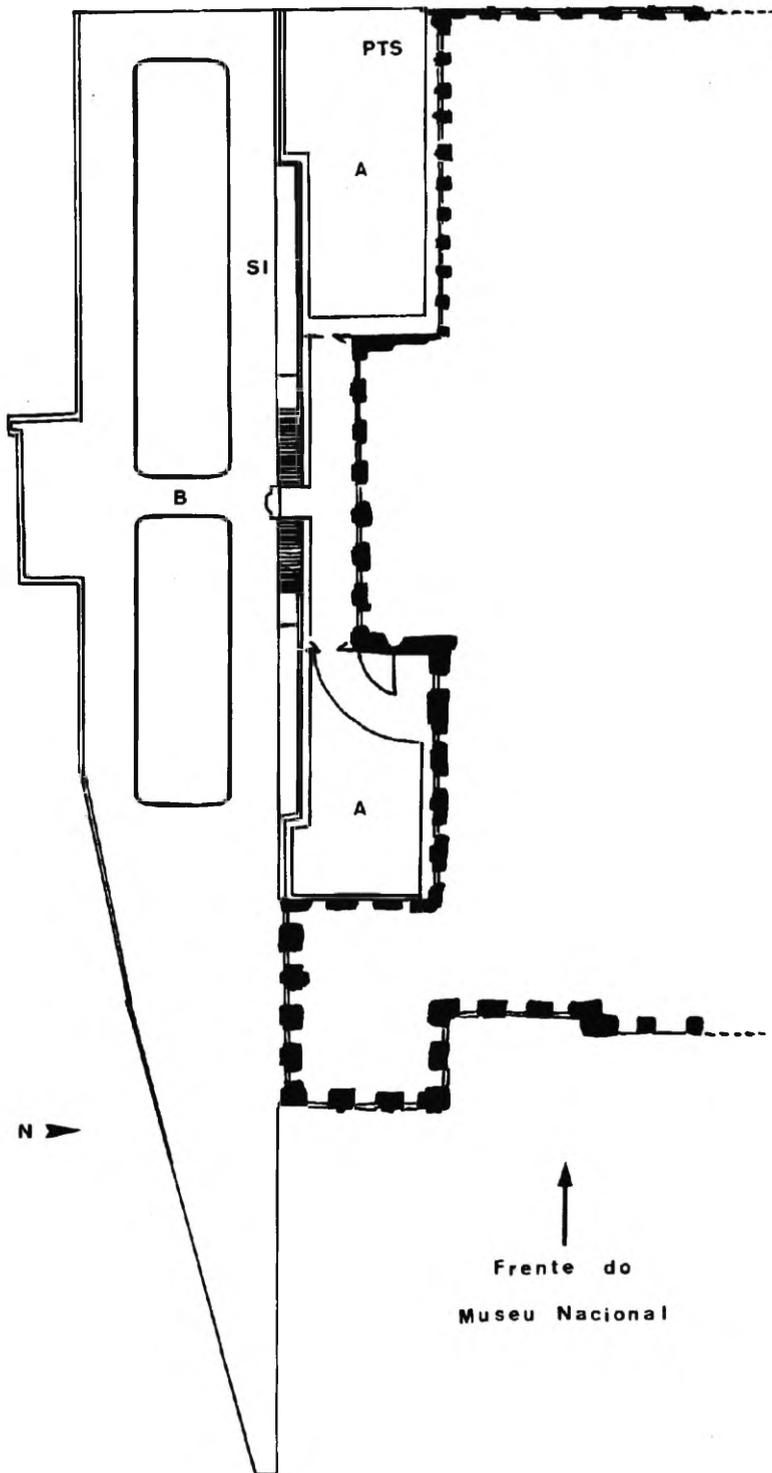


Fig. 14 – Planta do Jardim das Princesas: (A) patamar superior; (B) patamar inferior; (PTS) poço-teste aberto no patamar superior; (SI) sondagem realizada no patamar inferior.

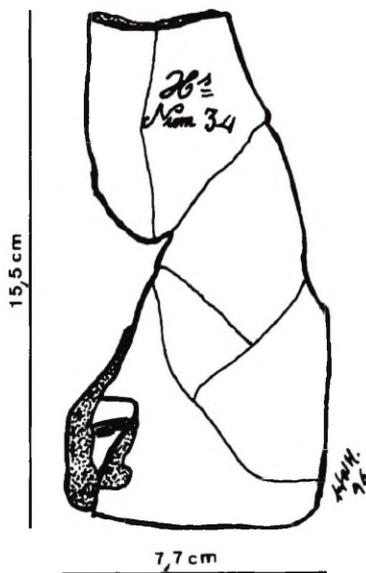


Fig. 15 – Segundo vasilhame, com inscrição, encontrado por ocasião das obras de reparo hidráulico.

O material encontrado por ocasião das obras de reparo hidráulico, base para a realização deste trabalho, consiste em duas garrafas de grès, parcialmente conservadas. O primeiro exemplar não pos-



Fig. 16 – Detalhe do vasilhame da figura anterior, mostrando a inscrição presente.

sui marcas ou inscrição (Fig. 11). O segundo exemplar (Fig. 15) possui uma inscrição na parte superior do corpo do vasilhame (Fig. 16) que indicaria, provavelmente, a série e o ano de produção, servindo para o armazenamento de água ou de alguma bebida alcoólica.

A amostragem evidenciada na sondagem realizada próximo à obra revelou a presença de uma única garrafa inteira (Fig. 17) e com presença de inscrição (Fig. 18), revelando sua origem inglesa, com período de atividade de fabrico entre 1833 e 1867.

Dos fragmentos encontrados, dois continham inscrição igual à do exemplar acima citado. O material remontado resultou em alguns vasilhames de variadas formas, tamanhos e cores, indo do bege claro ao marrom escuro ou avermelhado. Possui um revestimento também variado, sendo, às vezes, parcialmente vidrado internamente ou externamente e outras totalmente vidrado. De todos os vasilhames ainda não foi possível estabelecer a origem. Quanto à utilização, teriam servido para o armazenamento de líquidos, tais como tinta, água, bebidas alcoólicas.

As pesquisas bibliográfica e iconográfica revelaram vistas antigas do prédio do Palácio Impe-

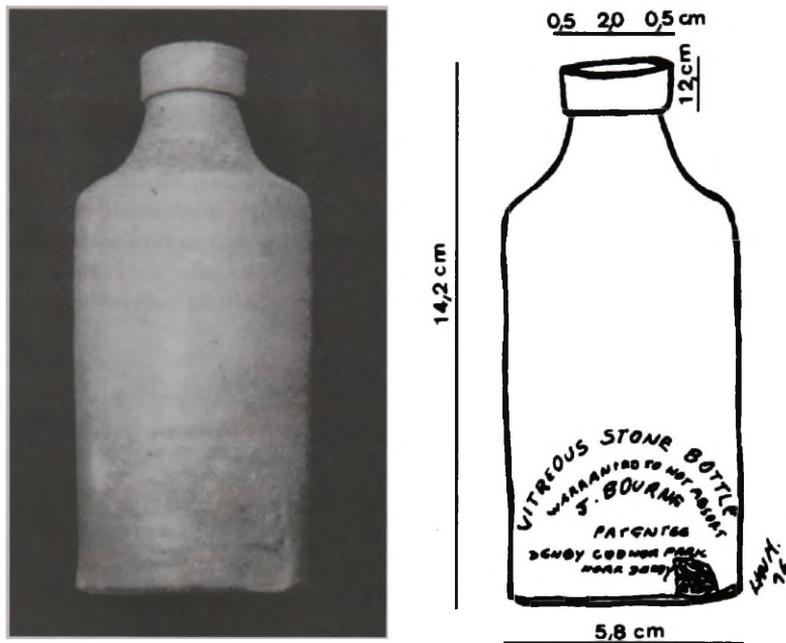


Fig. 17 – Vasilhame inteiro encontrado nas sondagens realizadas no patamar inferior do Jardim das Princesas.

rial/Museu Nacional, onde aparecem aspectos internos e externos do Jardim das Princesas, podendo vir a auxiliar em sua reconstituição no correr do desenvolvimento do projeto.

Agradecimentos

Helianne de Niemeyer Mendonça agradece a Ulisses Caramaschi pelo apoio, incentivo, leitura do manuscrito ...



Fig. 18 – Detalhe do vasilhame da figura anterior, mostrando a inscrição presente.

MENDONÇA, H.N.; BELTRÃO, M. da C.M. Considerations about the grès in the historic-archaeological site Jardim das Princesas, Museu Nacional of Rio de Janeiro. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 6: 141-154, 1996.

ABSTRACT: Starting from a preliminary study of the vessels of grès from the middle of XIX Century found in the "Jardim das Princesas", Museu Nacional of Rio de Janeiro, it becomes necessary to investigate the area, in the attempt to rescue, through material vestiges, the socioeconomic and cultural aspects of social groups that there lived. For these, archaeological researches were made, involving digging out and analysis of the material found, among other activities, and resulting in the reconstitution of some vessels then utilized.

UNITERMS: Archaeology – History – Jardim das Princesas – Grès.

Referências bibliográficas

- ALBUQUERQUE, M.
1992 Arqueologia Histórica, Arquitetura e Restauração. *CLIO*, Série Arqueológica, 1(8): 131-151.
- BELTRÃO, M.
1995 A Arqueologia e a Caatinga. *Carta Mensal*, 40(479): 23-40.
- BELTRÃO, M. da C.M.C.; DÓRIA, M.R.; DÓRIA, F.A.
1988 Sobre o método da Arqueologia e o Método da História. *CLIO*, Série História do Nordeste, Recife, 10: 15-51.
- BLASI, O.
1963 Aplicação do Método Arqueológico no estudo da Estrutura Agrária de Vila Rica do Espírito Santo - Fênix - PR. *Boletim da Universidade do Paraná*, 4: 1-13.
- BRANCANTE, E.F.
1981 *O Brasil e a Cerâmica Antiga*. São Paulo, Cia. Lithographica Ypiranga.
- EBEL, E.
1972 *O Rio de Janeiro e seus Arredores em 1824*. São Paulo, Companhia Editora Nacional.
- LIMA, T.A.; FONSECA, M.P.R. da; SAMPAIO, A.C. de J.; FENZL-NEPOMUCENO, A.; MARTINS, A.H.D.
1989 A Tralha Doméstica em Meados do Século XIX: Reflexos da Emergência da Pequena Burguesia do Rio de Janeiro. *DÉDALO*, São Paulo, Publicações Avulsas nº 1: 205-230.
- LIMA, T.A.
1989 Arqueologia Histórica: Algumas Considerações Teóricas. *CLIO*, Série Arqueológica, 5: 87-99.
- LOPEZ, M.G.
1943 *Manual Completo de Cerâmica*. Tomo I. Buenos Aires, Editorial Pan America.
- MAWE, J.
1944 *Viagens no Interior do Brasil Principalmente dos Ouros e dos Diamantes*. Rio de Janeiro, Zélio Valverde.
- MONTEIRO, M.P.
1978 A Visão Colonialista dos Viajantes Europeus no Século XIX. *CLIO*, 11: 73-81.
- PILEGGI, A.
1958 *Cerâmica no Brasil e no Mundo*. São Paulo, Livraria Martins Editora.
- ROSENTHAL, E.
1958 *Alfareria y Cerâmica*. México, Editorial Rever-té S.A.

Recebido para publicação em 20 de julho de 1996.